Os Pós Modernos

Gilberto Mendonça Teles

Entrar nalgum jardim, ser o que sabe
granular a romã ou qualquer fruta:
não desistir se o amor não cabe
na forma absoluta.

percorrer os espaços, na ruptura
da linha só visível quando eterna,
para gozar a estranha arquitetura
da coisa pós-moderna.

Também o cotidiano é velho e novo
e a ponta do prazer tem seus venenos:
é preciso tatear, no estilo *ab ovo*,
as curvas dos terrenos.

O importante é fingir os quiproquós
e transformar o corpo em *ready-made*:
ser um pingüim descongelando os pós
do tempo na parede.

Mergulhado no tédio ou no intervalo,
sem a continuidade dos infernos,
o vício da poesia dói no calo
de tantos pós modernos:

*o pó-de-mico e seu fuxico
o pó-de-traque e seu sotaque
o pó-de-goma e seu idioma
o pó-de-arroz e seu depois
o pó-do-pó e seu xodó
e além do stratagema
a droga do poema.*

E sair do jardim, homem que trinca
a pele da palavra numa gruta
sabendo que a beleza mais longínqua
é sempre devoluta.